
DIATRIBES 12 E 13 DE MUSÔNIO RUFO: SOBRE COISAS RELATIVAS A AFRODITE E CASAMENTO

Aldo Dinucci¹

Dedicado a Alfredo Julien

(recebido em 09/01/2013, aprovado em 10/04/2013)

Caio Musônio Rufo, estoico do primeiro século e mestre de Epicteto, era tirreno (etrusco), natural de Volsinii, na Etrúria² e, segundo a *Suda*³, filho de um romano da classe equestre de nome Capito. Teria sido aluno de Hermógenes de Tarso⁴. Segundo as cronologias comumente aceitas⁵, nasceu no fim do reinado de Augusto ou no princípio do de Tibério (por volta do ano 30) e viveu até o reinado dos Flavianos (entre os anos 90 e 100)⁶.

Suidas menciona suas obras e as cartas supostamente trocadas entre Musônio e Apolônio de Tiana, consideradas espúrias⁷. Musônio nada escreveu, mas dois alunos seus incumbiram-se disso: Lucius (do qual nos chegaram 21 *diatribes*, preservadas por Estobeu⁸) e Pólio, cuja obra chegou-nos em fragmentos⁹.

Grande parte do que nos chegou sobre o pensamento de Musônio, como o dissemos, foi preservado por Estobeu, eclesiástico do século V, que organizou o material transmitido por Lucius

1 Doutor em Filosofia pela PUC/RJ e professor associado do Departamento de Filosofia da UFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia Viva Vox (vivavox.site90.com). Membro permanente do Mestrado em Filosofia da UFS.

2 SUIDAS, *Suda*, M, 1305. Etrúria, chamada comumente de *Tyrrhenia* nos textos gregos e latinos: situava-se na região central da Itália, cobrindo parcialmente as áreas das atuais províncias italianas de Toscana, Lácio, Emilia Romana e Úmbria.

3 SUIDAS, *Suda*, M, 1305.

4 SUIDAS, *Suda*, E, 3046.

5 Cf. KING, 2011, p. 13.

6 Para uma biografia de Musônio, cf. nosso artigo: DINUCCI, A. Apresentação e Tradução dos Fragmentos Menores de Caio Musônio Rufo. IN: *Trans/Form/Ação* (UNESP. Marília. Impresso), v. 35, p. 267, 2012.

7 FILOSTRATO, *Vida de Apolônio de Tiana*, iv, 46.

8 ESTOBEU, *Florilégio*, xxix, 78; lvi, 18.

9 Por exemplo: AULO GÉLIO, v. 1; ix.2; xvi.1.

através de seleções. A edição crítica de Musônio é de autoria de Hense¹⁰, obra que deve ser complementada por um papiro incluído na edição de Lutz¹¹. Tal edição crítica contém: 21 seleções longas (*Diatribes*), preservadas por Estobeu; 19 ditos, também preservados por Estobeu; 6 ditos nas *Diatribes de Epicteto* de Flávio Arriano; 2 ditos nas *Moralia* de Plutarco; 4 ditos nas *Noites Áticas* de Aulo Gélío (em latim); 1 dito em Aelius Aristides. A edição de Lutz acima mencionada é a primeira com tradução para o inglês. A segunda é aquela de Cynthia King¹². Há ainda a edição de Jagu, com tradução em francês¹³.

Apresentamos aqui a tradução de duas diatribes: a 12 e a 13. A primeira trata de questões relativas ao sexo; a segunda, dividida em duas partes, porque assim organizada por Estobeu, trata do tema do casamento. Ambas tocam os temas sob o prisma do estoicismo romano.

12. POR MUSÔNIO, DE “SOBRE COISAS RELATIVAS A AFRODITE”

[12.01] Certamente não a menor parte da luxúria está nas coisas relativas a Afrodite, porque os luxuriosos precisam de variados entretenimentos, não apenas os legítimos, mas também os ilegítimos, não apenas com mulheres, mas também com homens; indo em busca às vezes de um amante, às vezes de outro, e não se satisfazendo com os que estão à mão, [12.05] mas desejando os que são difíceis de achar, buscando vergonhosas relações. Todas essas <coisas> são grandes acusações ao ser humano. É preciso, aos que não são luxuriosos ou não são maus, somente considerar justas as coisas relativas a Afrodite no casamento, e perpetradas para a geração de filhos, porque também são legítimas. [12.10] Mas <devem considerar> injustas e ilegítimas as coisas buscadas meramente por prazer, mesmo se forem no casamento. Das outras relações, as mais ilegítimas são as adúlteras, e,

10 HENSE. *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig 1905. Outros trabalhos importantes e recentes que tratam de Musônio são: LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. In: *ANRW* 2.36.3, 1989, p. 2105-2146; FRANCIS, J. A. *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa., Pennsylvania State University Press. 1995, p. 11-16.

11 LUTZ, C. *Musonius Rufus: The Roman Socrates*. In: *Yale Classical Studies*, Volume X. A. R. Bellinger (Ed.). Yale: Yale University Press, 1947.

12 KING, C. *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle: CreateSpace, 2011.

13 JAGÚ, A. *Musonius Rufus. Entretien et Fragments. Introduction, Traduction et Commentaire*. IN: *Studien und Materialien zur Geschichte der Philosophie, Kleine Reihe, Band I*, Olms, 1979.

dessas, nenhuma é mais intolerável que a de homens entre homens, porque é ato desavergonhado contra a natureza. Os vários intercursos não adúlteros com mulheres são privados de legitimidade, e são todos reprováveis, e certamente feitos por intemperança. [12.15] Alguém temperante não poderia se rebaixar a relações sexuais com <uma> hetaira, nem com uma mulher livre fora do casamento, nem, pelos Deuses, com uma serva dele, pois o <caráter> ilegítimo e indecente desses intercursos <significa> vergonha e censura aos que os buscam, [12.20] razão pela qual ninguém suporta fazer abertamente essas coisas, mesmo que tenha pouca capacidade de enrubescer. Os que não são completamente dissolutos fazem essas coisas escondidos e em segredo. E certamente, sobre as coisas que alguém faz, tentar passar despercebido é do que admite estar em erro.

[12.25]— Mas, pelos Deuses, diz <alguém>, muito embora o adúltero faça injustiça ao marido da mulher corrompida, o que tem relações com a hetaira não faz injustiça a ninguém, nem, pelos Deuses, <o que tem relações> com a que não tem marido; pois ele não destrói a esperança de filhos.

Eu, <replicou Musônio>, insisto em dizer que todo aquele que erra e faz injustiça, mesmo se a nenhum dos que são próximos, ele mesmo imediata e absolutamente se mostra pior e mais indigno: pois o que erra, na medida em que erra, é pior e mais indigno. Portanto, aí onde concedo [haver] injustiça, [12.30] é absoluta e totalmente necessário admitir [haver] a intemperança no que é vencido pelo prazer reprovável e no que se deleita em sujar-se, como os porcos: assim como, acima de tudo, é o que tem relações com a própria escrava, coisa que alguns consideram como sendo no mais alto grau isento de culpa, já que também se pensa que o senhor é absolutamente livre para usar o seu escravo como o desejar. Já que também se pensa que o senhor é absolutamente livre para usar o seu escravo como o desejar. [12.35] Quanto a isso para mim o discurso é simples: pois se ao que pensa não ser reprovável nem absurdo o senhor ter relações com a escrava dele, e sobretudo se ocorrer que ela seja solteira¹⁴, considera o que pareceria a ele, se a senhora tivesse relações com um escravo. Pois não pensaria ser tolerável, não somente se, legalmente casada, a mulher se submetesse a um escravo, [12.40] mas também se, sendo solteira, isso praticasse; certamente, presumo eu, ninguém pensará serem os maridos piores que as mulheres, nem menos capazes de educar os seus próprios apetites, <nem> os mais fortes em conhecimento que os mais fracos, <nem> os que comandam que os comandados. É apropriado que muito melhores sejam os homens, se realmente também [12.45] esperam liderar as mulheres: certamente mostrando-se menos continentais, <mostram-se> também

14 Xίπα = viúva? Solteira?

piores. É preciso também dizer que é obra da incontinência o senhor ter relações com a escrava? Todos sabem disso¹⁵.

[12.1] ΜΟΥΣΩΝΙΟΥ ΕΚ ΤΟΥ ΠΕΡΙ ΑΦΡΟΔΙΣΙΩΝ:

Μέρος μέντοι τρυφῆς ο μικρότατον κινητοῦς φροδισίοις στίν, τι ποικίλων δέονται παιδικῶν ο τρυφῆς ο νομίμων μόνον ἄλλὰ κα παρανόμων, ο δὲ θηλείων μόνον ἄλλὰ κα ῥρένων, ἄλλοτε ἄλλους θηρῶντες ῥωμένους, κα τοῦ ζῆλον τοίμοσιν ο κ 12.5 ῥκούμενοι, τινδὲ σπανίων φιέμενοι, συμπλοκῆς δὲ στήμονας ζητοῦντες, περ πάντα μεγάλα γκλήματα ἄνθρωπου στίν. χρὸς μ τρυφῆς μ κακοῦ μόνον μ φροδίσια νομίζειν δίκαια τιν γὰμ κα π γενέσει παίδων συντελούμενα, τι κα νόμιμά στίν· τινδὲ γέγονον ἄνθρωποι φιλοδίκαια κα [12.10] παράνομα, κινητοῦς γὰμ . συμπλοκα δὲ ἄλλαι α μιν κατ μοιχείαν παρανομώταται, κα μετριώτεραι τούτων ο δὲ να πρῶτος ῥρενας τοῦ ῥρεσιν, τι παρ φύσιν τιν τολμήμασιν δὲ μοιχείας κτῆσιν συνουσίαι πρῶτος θηλείας εσθιν στερημένα τιν γίνεσθαι κατ νόμον, κα α τιν π τιν α σχραί, α γε πράττονται δι' κολασίαν. ζ [12.15] μετά γε σωφροσύνης ο τιν τιν τιν πλησιάζειν πομείνει τις, ο τιν τιν λευθέρ γάμου χωρῶς ο τε μ Δία θεραπαίν τιν α το . τιν γ ρ μ νόμιμον μηδ' ε πρεπ ζ τιν συνουσι τιν τούτων α σχός τε κα νειδος μέγα τοῦ θηρωμένοις α τάς· θεν ο δὲ πράττειν φανερῶς ο δὲ ν νέχεται τιν τιν τοιούτων ο δεις, κινητοῦς π' λίγον [12.20] ῥυθριν ο ὅς τε , πικρυπτόμενοι δὲ κα λάθρ ο γε μ τελέως περρωγότες τα τα τολμ σιν. καίτοι τό γε πειρ σθαι λανθάνειν φ' ος πράττει τις μολογο ντος μαρτάνειν στί. ν Δία, φησίν, ἄλλ' ο χ σπερ μοιχεύων δικε τιν νδρα τς διεφθαρμένης γυναικός, ο χ ο τως κα τ τιν τιν συν ν δικε τιν ν Δία [12.25] τ μ χούσ νδρα· ο δ γ ρ λπίδα παίδων ο δεν ζ διαφθείρει ο τος. γ δ' πέχω μ ν λέγειν, ζ π ζ στις μαρτάνει κα δικε ε θύς, ε κα μηδένα τιν πέλας, ἄλλ' α τόν γε πάντως χείρωνα ποφαίνων κα τιμότερον· γ ρ μαρτάνων, παρ' σον μαρτάνει, χείρων κα τιμότερος. να ο ν τιν δικίαν, ἄλλ' [12.30] κολασίαν γε π τιν σιν ανάγκη πάντως προσε ναι τ τιν πωμέν α σχρ ζ δον ζ κα χείροντι τ μολύνεσθαι, σπερ α ες· ο ος ο χ κιστά στι κα δούλ δι' πλησιάζων, περ νομίζουσί τινες μάλιστά πωσ ε ναι ναίτιον, πε κα δεσπότης π ζ α τεξούσιος ε ναι δοκε τιν βούλεται χρ σθαι δούλ τ αυτο . πρ ζ το το δ

[12.35] πλο ς μοι λόγος· ε γάρ τ δοκε μ α σχρ ν μηδ' τοπον ε ναι δούλ δεσπότην πλησιάζειν τ αυτο , κα μάλιστα ε τύχοι ο σα χήρα, λογισάσθω πο όν τι καταφαίνεται α τ , ε δέσποινα δούλ πλησιάζοι. ο γ ρ ν δόξειεν ε ναι νεκτόν, ο μόνον ε κεκτημένη νδρα νόμιμον γυν προσο το δο λον, λλ' ε κα [12.40] νανδρος ο σα το το πράπτοι; καίτοι το ς νδρας ο δήπου τ ν γυναικ ν ξιώσει τις ε ναι χείρονας, ο δ' πτον δύνασθαι τ ς πιθυμίας παιδαγωγε ν τ ς αυτ ν, το ς σχυροτέρους τ ν γνώμην τ ν σθνεσετέρων, το ς ρχοντας τ ν ρχομένων. πολ γ ρ κρείττονας ε ναι προσήκει το ς νδρας, ε περ κα προεστάναι [12.45] ξιο νται τ ν γυναικ ν· ν μέντοι κρατέστεροι φαίνωνται ντες, <φανο νται ντες> κα κακίονες. τι δ' κρασίας ργον κα ο δεν ς λλου στ τ δεσπότην δούλ πλησιάζειν, τί δε κα λέγειν; γνώριμον γάρ.

13. POR MUSÔNIO, DE “O QUE É PRINCIPAL NO CASAMENTO?”

[13 A.1] O principal no casamento é a comunidade de vida e de criação de filhos. Pois, disse Musônio, é preciso que o marido e a esposa se unam um ao outro por isto: para viverem um com o outro, ter filhos e considerar todas as coisas como comuns [13A.5] e nada como particular, nem o próprio corpo. Com efeito, [é] grande a gênese do homem que o próprio casal produz. Mas isso não basta ao cônjuge, pois que também poderia acontecer de outro modo fora do casamento, do mesmo modo que os animais se unem. Certamente é preciso haver no casamento companheirismo e cuidado mútuo do homem e da mulher, <quando> saudáveis, [13A.10] <quando> doentes, em toda ocasião, cada um desejando <isso> do mesmo modo que desejam ter filhos no casamento. Com efeito, onde o próprio cuidado é completo, e os que convivem fornecem mutuamente por completo esse cuidado, também <os dois> competem em vencer um ao outro <nisso>. Esse casamento, com efeito, é admirável e é digno de elogios; pois bela é tal comunhão. [13A.15] Mas onde um dos dois busca somente o que é seu próprio, descuidando do outro, ou, pelos Deuses, o homem assim é e vive na mesma casa, mas volta a sua atenção para as coisas exteriores, não desejando dedicar-se à esposa, nem consumir a união, aí é necessário ser destruída a comunhão, e mal vão as coisas para os que vivem juntos: ou separam-se por completo [13A.20] ou têm um convívio pior que a solidão.

[13B.1] Ao que se casa, não é necessário considerar a estirpe <do outro> (se <é > de família nobre), nem a riqueza (se possui muitas propriedades), nem o corpo (se o possui belo). Pois nem a

riqueza, nem a beleza, nem a nobre origem produzem a intensificação da comunhão, como nem a concórdia, nem, novamente, [13B. 5] aperfeiçoa mais a produção de filhos. Mas os corpos que são suficientes para o casamento <são> os saudáveis, de forma proporcional e que se bastam para realizar suas funções. Esses <corpos> têm menor possibilidade de cair em ciladas de licenciosos, são mais capazes de realizar as quantas funções do corpo e podem produzir filhos de modo não deficiente. [13B.10] Deve-se considerar que as almas mais adequadas <para o casamento> são as mais bem dispostas por natureza para a temperança e para a justiça e, em geral, para a excelência. Pois como o casamento <será> bom separado da concórdia? Como a comunhão <será> útil? Como homens maus podem viver em concórdia uns com os outros? Ou como o bom pode viver em concórdia com o mau? Não mais que a um pedaço reto de madeira pode se ajustar a um quebrado, ou que dois quebrados possam se ajustar um ao outro. [13B.15] Pois o quebrado ao quebrado semelhante não se ajusta e ao contrário reto ainda mais. Também o mau não é amigo do mau, nem vive em concórdia <com ele>, nem muito menos com o bom.

13 A.1 ΜΟΥΣΩΝΙΟΥ ΕΚ ΤΟΥ ΤΙ ΚΕΦΑΛΑΙΟΝ ΓΑΜΟΥ:

[Βίου κα γενέσεως παίδων κοινωνίαν κεφάλαιον ε ναι γάμου.] Τ ν γ ρ γαμο ντα, φη, κα τ ν γαμουμένην π τούτ συνιέναι χρ κάτερον θατέρ , σθ' μα μ ν λλήλοις βιο ν, μα δ <παιδο>ποιε σθαι, κα κοιν δ γε σθαι πάντα κα μηδ ν διον, [13A.5] μηδ' α τ τ σ μα. μεγάλη μ ν γ ρ γένεσις νθρώπου, ν ποτελε το το τ ζε γος. λλ' ο πω το το καν ν τ γαμο ντι, δ κα δίχα γάμου γένοιτ' ν συμπλεκόμενων λλως, σπερ κα τ ζ α συμπλέκεται α το ς. δε δ ν γάμ πάντως συμβίωσίν τε ε ναι κα κηδεμονίαν νδρ ς κα γυναικ ς περ λλήλους, κα ρρωμένους [13A.10] κα νοσο ντας κα ν παντ καιρ , ς φιέμενος κάτερος σπερ κα παιδοποιίας ε σιν π γάμον. που μ ν ο ν κηδεμονία α τη τέλειός στι, κα τελέως α τ ν ο συνόντες λλήλοις παρέχονται, μιλλόμενοι νικ ν τερος τ ν τερον, ο το ς μ ν ο ν γάμος προσήκει χει κα ξιοζήλωτός στι· καλ γ ρ τοιαύτη κοινωνία· [13A.15] που δ' κάτερος σκοπε τ αυτο μόνον μελ ν θατέρου, κα ν Δί' τερος ο τως χει, κα ο κίαν μ ν ο κε τ ν α τήν, τ δ γνώμ βλέπει ξω, μ βουλόμενος τ μόζυγι συντείνειν τε κα συμπνε ν, ντα θ' νάγκη φθείρεσθαι μ ν τ ν κοινωνίαν, φαύλως δ χειν τ πράγματα το ς συνοικο σιν, κα διαλύονται τέλεον [13A.20] π' λλήλων τ ν συμμον ν χείρω ρημίας χουσιν.

13B.1 Διχρτο ς γαμο ντας ο κες γένος φορνε ξε πατριδ ν, ο δ' ε ς χρήματα ε πολλ κέκτηνται τινες, ο δ' ε ς σώματα ε καλ χουσιν. ο τε γ ρ πλο το ς ο τε κάλλος ο τ' ε γένεια κοινωνίαν μλλον α ξειν πέφυκεν, σπερ ο δ' μόνοιαν, ο δ' α 13B.5 τ ν παιδοποιίαν κρείπτω τα τα περγάζεται· λλ σώματα μ ν πρ ς γάμον ποχρ ντα τ γι κα τ ν δέαν μέσα κα α τουργε ν κανά, δ κα πιβουλεύοιτ' ν π τ ν κολάστων πον, κα ργάζοιτο μλλον σα σώματος ργα, κα παιδοποιο το μ νδε ς. ψυχ ς δ πιτηδειοτάτας ε ναι νομιστέον τ ς πρ ς σωφροσύνην 13B.10 κα δικαιοσύνην κα λως πρ ς ρετ ν ε φουεστάτας. πο ο ς μ ν γ ρ γάμος χωρ ς μονοίας καλός; ποία δ κοινωνία χρηστή; π ς δ' ν μονοήσειαν νθρωποι πονηρο ντες λλήλοις; π ς γαθ ς πονηρ μονοήσειεν < ν>; ο δέν γε μλλον ρθ ξύλ στρεβλ ν συναρμόσειεν ν, στρεβλ μφω ντα λλήλοιν. τ γ ρ δ 13B.15 στρεβλ ν τ τε μοί τ στρεβλ νάρμοστον κα τ ναντί τ ε θε τι μλλον. σι δ κα πονηρ ς τ τε πονηρ ο φίλος ο δ' μονοε κα πολ πον τ χρηστ .

Bibliografia

- AULO GÉLIO. *Attic Nights*. Volumes I, II, III. Trad. J. C. Rolfe. Harvard: Loeb Classical Library, 1927.
- DINUCCI, A. *Introdução ao Manual de Epicteto*. 3 ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- DINUCCI, A. Apresentação e Tradução dos Fragmentos Menores de Caio Musônio Rufo. IN: *Trans/Form/Ação* (UNESP. Marília. Impresso), 2012, v. 35, p. 267- 284.
- DION CÁSSIO. *Roman History*. Trad. Cary; Foster. Harvard: Loeb Classical Library, 1914-1927.
- EPICTETO. *The Discourses as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.
- EPICTETO. *O Encheirídion de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- EPICTETO. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008.
- ESTOBEU. *Florilegium*, vol I e II. Augustus Meineke (ed.). Lipsiae: Taubner, 1855.
- FILOSTRATO. *Apollonius of Tiana*, Volumes I, II, III. Trad. C. P. Jones. Harvard: Loeb Classical Library, 2005-2006.
- FRANCIS, J. A. *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa: Pennsylvania State University Press, 1995.
- HENSE. *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig 1905.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- JAGU, A. Musonius Rufus. Entretien et Fragments. Introduction, Traduction et Commentaire. IN: *Studien und Materialien zur Geschichte der Philosophie, Kleine Reihe, Band I*, Olms, 1979.
- KING, C. *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle: CreateSpace, 2011.
- LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, 2.36.3, 1989, p. 2105-2146.
- LUTZ, C. Musonius Rufus: The Roman Socrates. IN: *Yale Classical Studies*, Volume X. A. R. Bellinger (ed.). Yale: Yale University Press, 1947.
- PLÍNIO, O JOVEM. *Letters*, Volumes I, II. Trad. B. Radice. Harvard: Loeb Classical Library, 1969.
- PLUTARCO. *On the Control of Anger*. Trad. W. C. Helmbold. Harvard: Loeb Classical Library, 1939.

QUINTILIANO. *The Orator's Education*, VolumeS I, II, III, IV, V. Trad. D. A. Russel. Harvard: Loeb Classical Library, 2002.

SCHENKL H. Die Epiktetischen Fragmente. In: *Sitzungsberichte der philos. – hist. Calsse der K. Akad. der Wiss. Viena*, 115 (1888), 443-546.

SUIDAS. *Suidae lexicon*. Ada Adler (ed.). Leipzig: 1928-1938.

TÁCITO. *Annals, Volumes I, II*. Trad. Jackson John. Harvard: Loeb Classical Library, 1937.

TÁCITO. *Histories, Volumes I, II*. Trad. Clifford, M; J. Jackson. Harvard: Loeb Classical Library, 1925-1931.